SindBancários
PETRÓPOLIS/RJ

Dia a Dia

SEJA SÓCIO VOCÊ TAMBÉM

www.sindbancariospetropolis.com.br

CUT BRASIL CONTRAF

Informativo Diário do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários
e no Ramo Financeiro dos Municípios de Petrópolis e São José do Vale do Rio Preto

Telefax: (24) 2242.0673 I 2231.2281 /SindBancariosPetropolis sindbancariospetropolis@gmail.com

Ano XXIV n° 6162 – 17 de outubro de 2019

Doenças “invisíveis” atingem a categoria bancária

Medo do desemprego, perda de função e descomissionamento; a realização de serviços múltiplos, no caixa, de venda de produtos e gerenciamento de contas; a implantação de novas tecnologias e o receio de não estar preparado para trabalhar com elas; as incertezas com os cenários político e econômico do país; a constante cobrança pelo cumprimento de metas e o assédio moral são algumas das possíveis causas do aumento dos transtornos mentais entre os trabalhadores. Ansiedade, depressão e o burnout estão entre as doenças que mais atingem aos trabalhadores.

Um levantamento realizado pela Internacional Stress Managemente Association, aponta que, em 2018, 09 em cada 10 brasileiros no mercado de trabalho apresentam sintomas de ansiedade e cerca de 47% sofrem de depressão.

No caso específico da categoria bancária, dados do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), compilados pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), apontam que, em 2013, os transtornos mentais deixaram para trás as lesões por esforços repetitivos e os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (LER/Dort) e se tornaram a principal causa de afastamento para tratamento de saúde na categoria bancária. “A situação é muito preocupante. Os casos de transtornos mentais estão aumentando em várias categorias.

Entre os bancários ela é agravada pelas reestruturações dos bancos e pelas cobranças abusivas sobre metas inatingíveis”, observou a presidenta da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-CUT), Juvandia Moreira, lembrando que, recentemente, o banco Santander foi condenado pela prática de estabelecimento de metas inatingíveis.

Bancos dão calote que já chega a R$28 bi de empréstimos do Proer

Em 1995, o então presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) criou o Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional (Proer), para socorrer bancos que em processo de falência em função de políticas de controle da inflação dos anos 1990. Mas, a ajuda de FHC aos banqueiros ainda custa muito caro aos cofres públicos, segundo matéria publicada na quarta-feira, 15 de outubro pelo jornal Monitor Mercantil. Dois bancos que receberam o auxílio financeiro não pagaram suas dívidas, que acumulada há mais de 20 anos já chega a R$28 bilhões. O valor é quase o mesmo do corte (contingenciamento) feito pelo governo Bolsonaro em várias áreas sociais, inclusive educação.

O curioso é que 63 milhões de brasileiros estão negativados no SPC, com o nome sujo e sem crédito, humilhados, com dívida em média de R$500,00 por causa dos maiores juros do planeta cobrados pelos bancos, enquanto que banqueiros caloteiros vivem uma vida abastada mesmo dando calote de bilhões de reais aos cofres públicos.

Rendimento dos mais ricos do país cresceu 8,4%, enquanto os mais pobres perderam 3,2%

Num quadro de lenta retomada econômica e elevado desemprego, o Brasil colheu mais uma notícia negativa no ano passado: a concentração de renda voltou a piorar. Os dados foram divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ontem, dia 16/10 e têm como base a Pesquisa Mensal por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua.

Os números do IBGE mostram que o rendimento médio do grupo de 1% mais ricos do país cresceu 8,4% em 2018, enquanto o dos 5% mais pobres caiu 3,2%.

Com o resultado de 2018, a renda da elite econômica do país, segundo o IBGE, corresponde a 33,8 vezes o rendimento dos 50% que integram a população de menor rendimento (R$ 820,00). É a maior distância já apurada pelo instituto. Em 2017, essa relação era de 31,2 vezes. Em 2018, o rendimento médio mensal de todos os trabalhos foi de R$ 2.234,00, um ligeiro crescimento em relação ao observado em 2017 (R$ 2.107,00).